

A RECEPÇÃO DE MARCEL PROUST NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA TEORIA DE JAUSS

THE RECEPTION OF MARCEL PROUST IN BRAZIL: A PERSPECTIVE FROM THE THEORY OF JAUSS

Helio Dias Furtado¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/FELCS

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a recepção que o romance *Em busca do tempo perdido* do escritor francês Marcel Proust recebeu nas páginas do suplemento literário *Letras e Artes* do jornal carioca *A Manhã*. Para alcançar tal objetivo, apresentamos a Estética da Recepção do teórico alemão Hans Robert Jauss, onde vemos as sete teses que constituem sua teoria bem como conceitos fundamentais como *horizonte de expectativas* e *distância estética*. A etapa seguinte será uma contextualização político-cultural do suplemento literário do jornal *A Manhã*, o que ajudará no entendimento do momento histórico que o Brasil vivia e no qual o romance francês chegou ao nosso país. Essa definição do momento político-cultural do país é imprescindível para um entendimento do horizonte de expectativas na recepção de uma obra literária de acordo com a teoria de Jauss. No levantamento do material publicado no jornal, veremos não apenas artigos de crítica literária, mas também resenhas, textos diversos e textos do próprio Proust que foram publicados no suplemento. Concluimos que a recepção do romance francês revela como a cultura da França ainda era influente naquele momento da história do Brasil e, também, que o tipo de crítica literária que predomina naquele momento era diferente do que se estabeleceria posteriormente. Nesse sentido, veremos que os nossos críticos avaliavam uma obra literária procurando se orientar por valores estritamente estéticos.

Palavras-chave: Teoria da recepção. Jauss. Marcel Proust. *Letras e Artes*. *A Manhã*.

Abstract: The aim of this article is to present the reception that the novel *In search of Lost time* by the French writer Marcel Proust received in the pages of the literary supplement *Letras e Artes* of the Rio de Janeiro newspaper *A Manhã*. To achieve this goal, we present the Aesthetics of Reception by the German theorist Hans Robert Jauss, where we see the seven theses that are part his theory as well as fundamental concepts such as horizon of expectations and aesthetic distance. The next step will be a political-cultural contextualization of the literary supplement of the newspaper *A Manhã*, which will help in understanding of the historical moment that Brazil is experiencing and in which the French novel arrived at our country. This definition of the country's political-cultural moment is essential for an understanding of the horizon of expectations in the reception of a literary work according to Jauss' theory. When surveying the material published in the newspaper, we will see not only articles of literary criticism, but also reviews, different kinds of texts on and by Proust himself that were published in the supplement. We conclude that the

reception of the French novel reveals how the culture of France was still influential at that time in Brazilian history, and also that the type of literary criticism that prevailed then was different from what was established later. In this sense, we will see that our critics evaluated a literary work seeking to be guided by strictly aesthetic values.

Keywords: Theory of reception. Jauss. Marcel Proust. *Letras e Artes. A Manhã*.

Introdução

A Estética da Recepção, como um tipo de análise literária, surgiu na segunda metade do século passado. Esse foi um movimento dentro do mundo acadêmico em resposta as agitações sociais que ocorriam na Europa naquela década. Em consonância com as muitas reivindicações de caráter social que predominaram naquele momento, a Estética da Recepção dá um papel mais relevante ao receptor na definição dos méritos de uma obra literária, pois, no final das contas, é para o leitor comum que a obra é primeiramente destinada.

Essa teoria literária teve como um dos seus principais teóricos o alemão Hans Robert Jauss, professor na Universidade de Konstanz, na antiga Alemanha Ocidental. A sua teoria é composta de sete teses que apresentaremos, de forma sucinta, na primeira parte deste artigo. Ao concluir essa apresentação das teses, veremos como essa teoria pode ser posta em prática, isto é, como podemos estudar de forma efetiva a recepção de uma obra literária em um determinado contexto histórico-social. Isso será realizado na segunda parte deste artigo que consiste no estudo da recepção, no Brasil, do clássico da literatura francesa e universal *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust. O corpus de nossa pesquisa serão os artigos e resenhas publicados sobre esse clássico no suplemento literário *Letras e Artes*, do jornal carioca *A Manhã*. Para que se tenha uma noção da importância desse suplemento e do horizonte de expectativa no qual a obra proustiana foi recebida no nosso país, apresentaremos uma discussão do contexto político-estético em que o referido suplemento circulou não apenas no Rio de Janeiro, mas em todas as partes do país.

1 A Estética da Recepção de Hans Robert Jauss

A análise da recepção das obras de um escritor implica a utilização de um método ou abordagem necessariamente orientada a partir do leitor. Como o próprio nome sugere,

esse tipo de abordagem vê o leitor (ou, dependendo de cada tipo de arte, o seu público correspondente) como fundamental para a avaliação de um texto literário, bem como para a definição de seus significados.

Um dos grupos acadêmicos que mais se destacou pelos estudos nessa área é o da acima mencionada Universidade de Konstanz, de quem tomou emprestado o nome. O aparecimento desse grupo está comumente associado às mudanças que ocorreram nos anos 1960 em diferentes áreas da vida social de diferentes países, principalmente na Europa ocidental. Regina Zilberman (1989), em *Estética da Recepção e História da Literatura*, associa o desenvolvimento da estética da recepção aos movimentos sociais, intelectuais e culturais daquela década. De maneira semelhante, Susan Suleiman (1980), em sua introdução ao livro *The reader in the text*, situa esse interesse recente na resposta do leitor como parte de uma tendência geral nas ciências humanas (História, Sociologia, Psicologia, Linguística e Antropologia) e também na tradição humanística das disciplinas de filosofia, retórica e estética.

É, pois, nesse contexto que Jauss irá propor a sua Estética da Recepção. Essa nova abordagem literária, como já mencionamos, prioriza o leitor que, na visão do teórico alemão, havia sido anteriormente relegado a um papel menor na avaliação de uma obra literária.

A proposta de Jauss para uma nova história literária é composta por sete teses que, de acordo com Zilberman (1989) podem ser divididas em dois grupos. Segundo ela, suas primeiras quatro teses têm a característica de premissas e as três últimas são metodológicas. Vejamos, resumidamente, em que se constituem essas teses.

Em sua primeira tese, Jauss afirma a necessidade de uma estética de recepção e influência para que uma renovação da história literária realmente aconteça. No seu entendimento, a historicidade da literatura repousa em uma relação dialética entre o texto e o leitor. Isso significa principalmente abandonar a estética tradicional que era baseada na produção e representação.

Um conceito fundamental na teoria de Jauss é o de horizonte de expectativas que ele apresenta em sua segunda tese. Em suas próprias palavras, esse horizonte é um

sistema de referências que se pode construir em função das expectativas que, no momento histórico do aparecimento de cada obra, resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já

conhecidas, bem como da oposição entre a linguagem poética e a linguagem prática (JAUSS, 1996, p. 27).

A terceira tese de Jauss tem como tema central a noção de distância estética. Por distância estética ele entende “aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma obra nova” (JAUSS, 1996, p. 31). Na medida em que a recepção de uma nova obra pode resultar em uma mudança de horizontes, a objetivação da distância estética será traçada ao longo do espectro das reações do público leitor e do julgamento da crítica. Mais especificamente, isso significa o sucesso espontâneo, rejeição ou choque, aprovação dispersa, compreensão gradual ou tardia que uma obra pode provocar.

Após a apresentação do conceito de distância estética, em sua tese seguinte Jauss trata novamente da noção de horizonte de expectativas. Aqui ele expõe o resultado de uma reconstrução do horizonte de expectativas de uma obra. Essa reconstrução permite determinar as questões às quais o texto deu uma resposta quando de sua primeira publicação. Consequentemente, essa determinação permite também descobrir a forma como o leitor contemporâneo viu e compreendeu a obra e como isso se diferencia de sua recepção atual.

Em sua quinta tese, Jauss discute a obra dentro de um contexto literário específico ou, para usar sua própria terminologia, dentro de uma *série literária*. A abordagem de uma obra individual dentro de uma série literária permite o reconhecimento de sua posição histórica e de seu significado em termos da experiência literária que ela proporciona.

Passando para a sexta tese de Jauss, vemos que aqui ele discute como a estética da recepção ajudará a determinar o sistema de relações específico da literatura de um determinado momento e a articulação dos diferentes sistemas que foram estudados. Para começar, Jauss propõe que, como nos estudos linguísticos, a história literária também deve ser abordada de uma perspectiva sincrônica. O procedimento consistiria em um corte transversal sincrônico de um momento do desenvolvimento literário e, então, organizar as obras contemporâneas em estruturas opostas e hierárquicas equivalentes.

A proposta de mistura de procedimentos diacrônicos e sincrônicos leva Jauss a uma discussão sobre a relação entre literatura e sociedade, o que constitui o núcleo de sua sétima tese. Aqui, ele afirma que a tarefa da história literária é concluída apenas quando é vista como história especial em sua relação com a história geral. Para ele, essa relação não

significa apenas identificar uma imagem tipificada, idealizada, satírica ou utópica da existência social na literatura de todos os tempos. Na verdade, Jauss entende que a função social da literatura realmente se manifesta “quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando o seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social” (JAUSS, 1996, p. 50).

1.1 A aplicação prática da teoria de Jauss

Em sua proposta para uma nova história literária, Jauss deixa implícita a necessidade de uma abordagem a partir da recepção de obras literárias individuais. Mas o que concretamente constitui a recepção concreta de uma obra e como ela se manifesta são questões que ficaram sem resposta. Ao tentar dizer o que constitui a recepção de uma obra literária, podemos listar alguns elementos subjetivos e objetivos. Por exemplo, uma mudança na visão de vida do leitor, uma mudança em seus valores morais, uma mudança em seu gosto estético. Tudo isso poderia ser listado como elementos subjetivos que fazem parte da recepção de uma obra literária. Agora, como elementos objetivos (ou, talvez, possamos dizer perceptíveis) da recepção de uma obra literária, podemos citar sua adaptação para outras mídias, traduções para outros idiomas, número de edições e cópias vendidas, influência em outros escritores e obras, etc. Na verdade, essa lista pode se tornar interminável.

Porém, entre todos esses elementos não foi mencionado o mais diretamente relacionado e certamente o primeiro a vir à mente quando o assunto em discussão é a recepção de um texto literário. Esse elemento é a reação dos críticos e resenhistas a um livro quando ele é publicado pela primeira vez. No momento histórico em que Jauss desenvolveu sua teoria, a recepção dos críticos e resenhistas se revestia de especial importância por ser a única a ficar registrada e ser divulgada ao público, principalmente através dos jornais impressos. No entanto, é importante observar que essa especificidade do registro modificou-se muito nas últimas décadas devido ao advento da internet. Na atualidade, sabemos que inúmeros leitores comuns expressam sua reação a um romance ou qualquer outro texto literário seja através de *blogs* ou através de vídeos no YouTube.

Apesar da possibilidade da divulgação de sua particular reação a um texto literário, a recepção do leitor comum se diferencia daquela do crítico ou resenhista. Embora em sua teoria Jauss enfatize que não haja distinção de valor entre a interação do

leitor comum com um livro e a de críticos, de revisores e de historiadores literários, a verdade é que a recepção desses últimos se caracteriza pelo embasamento de sua formação profissional. Assim, devido a essa formação, entende-se que eles tenham mais ciência dos valores estéticos que predominam na sua época e, conseqüentemente, consigam situar a obra literária dentro de um contexto cultural específico. Por outro lado, o leitor comum, embora obviamente também influenciado pelos valores predominantes de sua época, não tem plena consciência deles e de como a obra literária se posiciona em relação a eles.

2 A recepção de Marcel Proust nas páginas do *Letras e Artes*

Um dos mais influentes escritores do século XX foi o francês Marcel Proust. Sua obra clássica *Em busca do tempo perdido*, primeiramente publicada entre 1913 e 1927, é constituída de 7 volumes e foi traduzida para inúmeros idiomas ao redor do mundo. A obra de Proust tornou-se uma referência para muitos outros escritores e profissionais, alguns desses seus contemporâneos de grande projeção como a escritora inglesa Virginia Woolf. Um de seus biógrafos, William C. Carter, afirma que “as palavras de Proust encantaram Virginia Woolf e muitos outros escritores, dramaturgos, cineastas e coreógrafos, de modo que muitas vezes seu livro se torna um elemento central ou significativo em suas obras” (CARTER, 2016, tradução nossa)¹.

Diante da grandiosa recepção internacional de *Em busca do tempo perdido*, foi inevitável que ela também viesse para o Brasil e que aqui também influenciasse nossos escritores e intelectuais. No nosso país, que à época do lançamento da obra monumental de Proust era mais intensamente influenciado pela cultura francesa, muitos críticos, escritores e resenhistas escreveram expressando sua opinião sobre essa obra. Isso acontecia principalmente nos suplementos literários dos grandes jornais, comuns naquela época pré-internet, que podiam ter circulação local ou, muitas vezes, nacional. Um desses suplementos era o *Letras e Artes* do jornal carioca *A Manhã*.

¹ No original: Proust's words have enchanted Virginia Woolf and many other writers, dramatists, filmmakers, and choreographers so that often his book becomes a central or significant element in their works.

2.1 Apresentando o Letras e Artes

Para entendermos a importância do suplemento *Letras e Artes* no período de sua circulação é importante entender algumas características do contexto político-estético no qual ele era publicado. Para conseguir tal objetivo, uma referência de grande valor é a dissertação de mestrado *Cultura em Busca de Vitrines - Literatura & Mercado, Morte do Modernismo & Populismo*, de Ademir Demarchi, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina. Esse trabalho acadêmico consiste em um estudo bibliográfico e interpretativo do *Letras e Artes*, apresentando, além de um estudo introdutório, a indexação de todo o material, textual e iconográfico que compõe o referido suplemento.

Como já apontamos anteriormente, o *Letras e Artes* era, na verdade, o suplemento literário do jornal carioca *A Manhã*. Ele começou a circular no dia 12 de maio de 1946 e teve sua última edição no dia 7 de junho de 1953. Uma das razões do sucesso e aceitação pública alcançados pelo suplemento literário parece ter sido a sua modernização que foi ditada pela linguagem do mercado cultural daquela época.

Quanto ao seu perfil político, o *Letras e Artes* era um suplemento conservador. Esse conservadorismo era resultado não apenas do fato de *A Manhã* ser um jornal do governo como também das ligações do suplemento com a Academia Brasileira de Letras. Essas ligações eram tão estreitas que, em um certo momento, o suplemento funcionou como órgão oficial daquela.

Se o *Letras e Artes* era politicamente conservador, artisticamente ele também tinha a mesma postura. Dessa forma, ele serviu de palco para os ataques que os literatos modernistas mais conservadores lançavam sobre o Modernismo mais revolucionário. É nesse sentido que Demarchi afirma que “a liquidação do modernismo transparece como um sentimento comum aos editores e colaboradores do *Letras e Artes*, a ponto do tema nele se refletir insistentemente em intertítulos, manchetes e textos” (DEMARCHI, 1991, p. 5).

Muito mais poderia ser dito a respeito do papel e importância cultural do *Letras e Artes*, conforme Ademar Demarchi brilhantemente expõe em seu trabalho acadêmico. No entanto, como o nosso objetivo é apenas fornecer uma visão panorâmica da trajetória desse suplemento, vamos, através de uma citação da referida dissertação, ressaltar um papel de extrema importância que esse suplemento desempenhou durante sua circulação e que é de grande relevância quando se estuda a recepção de uma obra literária. Esse papel foi o de

mediador entre o escritor e o novo público leitor que estava em formação naquela época. Assim, afirma Demarchi:

Letras e Artes cumpriu um significativo papel no campo cultural ao caracterizar-se como uma rede de discursos variados, servindo de ponte entre escritor, artista e mercado, registrando as tensões próprias dessa mudança que apontava novas perspectivas para os agentes. Obrigados a sobreviver não mais à sombra do Estado protetor, os escritores encontraram no suplemento um espaço de trabalho diferenciado que se por um lado lhes descondiçionava da obrigação de direcionar sua criação para a justificação de um projeto político, por outro punha novos problemas, nem sempre pacíficos pela exigência de diluição que se impunha mediante o declínio da cultura e ascensão da sociedade de massas” (DEMARCHI, 1991, p. 18).

Podemos concluir, então, que o *Letras e Artes* exerceu uma dupla função de mediador em uma época de transição em que vivia a sociedade brasileira. Havia não somente a transição política, com o fim do primeiro governo getulista mas, também, uma transição cultural em que, como mostra Demarchi em outro momento, o Brasil abandonava o modelo francês pelo americano. A isso, junta-se o fato de os modernistas já haverem perdido seu ímpeto inicial e, como salienta Demarchi, estavam agora sob o fogo dos mais conservadores.

2.2 Contexto Literário do *Letras e Artes*

Durante o período em que o *Letras e Artes* circulou, o tipo de crítica que predominava no meio literário brasileiro era a crítica estética. Em *A Literatura no Brasil*, Wilson Martins (1970) identifica três fatores que conduziram a crítica brasileira para este tipo de orientação, quais sejam, o esgotamento natural da literatura pós-modernista, a modificação da conjuntura social e o ensino universitário das letras.

Dando uma especial ênfase a este segundo fator, isto é, à modificação da conjuntura social, juntamente com a conjuntura política da época, Nelson Werneck Sodré também concorda com essa predominância da análise estética na crítica literária brasileira daquela época. Na realidade, ele prefere o uso do termo formalismo para definir a prática literária de então. Nesse sentido, ele cita Alceu Amoroso Lima para definir melhor esse período que se iniciou em 1945. Diz aquele crítico:

O novo elemento é o *estilo*, a *forma*, de modo que é, afinal, na *linguagem*, no estudo da linguagem, como síntese e finalidade de toda obra literária que se concentra a crítica formalista. Daí a importância dos estudos de estilística, com base dessa nova crítica. [...] O novo formalismo não é de caráter artístico, como o Classicismo. É um formalismo científico. Procura-se fazer da crítica literária uma ciência (SODRÉ, 1988, p. 585).

Como se pode concluir da expressão acima “novo formalismo”, usada por Alceu Amoroso Lima, esse tipo de abordagem crítica não era novidade na literatura brasileira. Esse é um fato também ressaltado por Wilson Martins. Segundo ele, em outros momentos de sua história, a crítica literária brasileira já havia se orientado num sentido estético. Por outro lado, embora Amoroso Lima se refira a um “formalismo científico”, Wilson Martins entende que ela se caracterizava por não possuir um suporte teórico. Nesse sentido, ele afirma que

essa inclinação estética se devia, na maior parte dos casos, ao temperamento individual do crítico, à sua formação, aos seus gostos, não se prendendo a um *método*, a um corpo de doutrina, que nela introduzisse, sem prejuízo da espontaneidade indispensável, a sistematização também indispensável (MARTINS, 1970, p. 528).

A esta falta de um suporte teórico específico, poder-se-ia ainda acrescentar uma segunda característica apontada por Werneck Sodré. Esta seria a falta de um compromisso com a realidade social, sendo esta postura antissocial um reflexo do momento de instabilidade política pelo qual passava o Brasil.

Outro aspecto característico deste período da literatura brasileira foi a intensa produ o da crítica. Segundo Wilson Martins, a crítica literária brasileira experimentou um progresso entre 1922 e 1965 que superou o do meio século anterior. Nesse período, a crítica tornou-se mais e mais especializada, desligando-se, “aos poucos e sucessivamente, dos parentescos descaracterizadores com a História, a Sociologia e as demais ciências” (MARTINS, 1970, p. 539). Além dessa maior especializa o, a crítica estética também trouxe uma novidade de ordem material. Ao invés de se expressar através dos “manifestos”, artigos de jornal e de revistas ef meras, ela preferiu o livro, o que caracterizava a sua *ambi o de permanência criadora*.

Concentrando-se especificamente na década de 50, Wilson Martins define-a como a década da crítica literária. O motivo para tal defini o   que foi nos anos de 1950 que a crítica literária brasileira tomou consciência do seu papel em meio   cria o literária e aos

gêneros de literatura imaginativa. Foi a partir de então que a crítica descobriu a sua autonomia e cunho técnico. Vale salientar que este é o período normalmente conhecido como a terceira fase do movimento modernista que se caracterizou justamente pela sua produção crítica.

Nos últimos anos da década de 50, Wilson Martins vê a crítica literária dividida em três grupos. O primeiro é constituído pelos críticos *reacionários e saudosistas*. Esses produzem uma “crítica opiniática e impressionista, de comentário irresponsável e superficial, de divagação subjetiva, sem cânones e rigor metodológico, sob a forma de militância nos rodapés de jornais” (MARTINS, 1970, p. 537). O segundo grupo seria formado pelos críticos conservadores. Esses são os que produzem o tipo de crítica tradicional de cunho biográfico, sociológico e psicológico. Finalmente, o último grupo que seria o dos críticos mais envolvidos com a nova postura acadêmica do estudo literário. Esses são os que praticam crítica literária baseados em um rigorismo conceitual e metodológico.

É com esse quadro do funcionamento da crítica literária na primeira metade do século XX que agora podemos nos concentrar nos artigos e resenhas sobre Proust que foram publicados no *Letras e Artes* e, a seguir, determinar em que medida esses artigos estão em consonância com o tipo de crítica literária vigente então.

2.3 Análise dos textos sobre Proust

2.3.1 Artigos

A primeira referência a Marcel Proust que aparece no *Letras e Artes* foi na edição do dia 17 de outubro de 1948. É um artigo intitulado “A Taça de Chá” que é, na realidade, um trecho de *No Caminho de Swann*, o primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*. Esse trecho é, mais especificamente, a famosa passagem em que o narrador, pela degustação do bolinho chamado *madeleine* com chá, consegue evocar muitas recordações do passado que ele achava que já havia perdido para sempre. Essa passagem da obra de Proust, por ser frequentemente citada como exemplificação de sua técnica de reconstrução do passado, parece ter sido apresentada como uma espécie de introdução para o artigo de Ortega Y Gasset que aparece a seguir na mesma página.

O artigo de Ortega Y Gasset, intitulado “O Tempo e a Distância”, concentra-se em dois aspectos da técnica utilizada por Proust em sua obra. Como fica óbvio pelo seu título, ele discute a maneira como o tempo e a distância são tratados pelo escritor francês. Na realidade, Ortega Y Gasset se concentra muito mais na questão do espaço do que no tempo. Em referência a esse último, a análise pode ser resumida em suas afirmações de que, “em vez de restaurar o tempo perdido, [Proust] se compraz em edificar-lhe a ruína. Pode-se dizer que em Proust o gênero memórias atinge a dignidade de um método literário puro” (*Letras e Arte*, 17 de outubro de 1948).

No que se refere ao tratamento do espaço, Ortega Y Gasset diz que Proust é extremamente minucioso e prolixo, sendo, contudo, essas características positivas no contexto proustiano. Elas são o resultado do fato de que Proust se aproxima muito dos seus objetos de análise. Nesse sentido, Proust é um inovador, pois ele recria a distância entre objeto e observador ao invés de, como tradicionalmente faziam os poetas, usá-la como se faz normalmente no dia a dia.

Além desse ensaio de Ortega Y Gasset, somente um outro sobre Marcel Proust é publicado em 1948, no *Letras e Artes*. É o ensaio intitulado “Marcel Proust e o Amor” de Van Jafa que aparece no dia 07 de agosto. Esse difere totalmente do anterior, no sentido de que seu autor não se concentra na análise das técnicas usada por Proust, mas em características de sua personalidade que influenciaram a sua obra e determinaram sua visão de mundo.

Na realidade, Van Jafa não fala de diferentes características da personalidade de Proust, mas de uma única que lhe foi determinante, isto é, a sua necessidade de ser amado. De acordo com Van Jafa, o próprio Proust reconhecia esse traço de sua personalidade, pois sobre ele escrevera, ainda adolescente, em seu caderno de intimidade. Na visão de Van Jafa, a única pessoa com que Proust conseguiu manter uma relação de amor perfeita, no sentido de amar e se sentir amado, foi com a sua mãe. Após a morte desta, Proust se viu em um inferno emocional, pois essa foi uma perda irreparável. Ninguém nunca apareceu que tenha conseguido substituir sua mãe, de forma a manter uma relação de amor completa com Proust.

Dessa forma é que, para Van Jafa, os personagens que compõem o mundo proustiano são sempre pessoas incapazes de amar plenamente e, mesmo quando amam, seu

amor vem sempre acompanhado de outros sentimentos tais como o ódio. No geral, pois, sua obra mostra uma visão pessimista e negativa dos seres humanos.

A edição do *Letras e Artes* do dia 09 de outubro 1949 é, nesse ano, a única que traz um ensaio sobre Proust. Na realidade, esse ensaio é constituído por trechos do último capítulo do livro *The two worlds of Marcel Proust*, do americano Harold March. Portanto, foi a partir da nacionalidade do seu autor que esse ensaio foi intitulado “Proust, Visto Por Um Americano”. March começa seu ensaio dando uma visão geral das diferentes maneiras (e consequentes motivos) que a obra de Proust tem sido recebida desde o seu aparecimento. Infelizmente, o artigo não deixa claro se March está se referindo a recepção de Proust especificamente nos Estados Unidos ou se ele está tentando traçar um panorama a nível internacional. Após esse primeiro momento, March se detém numa extensa análise das características da obra proustiana, apontando o que ele considera serem as qualidades e os defeitos do escritor francês.

Um total de quatro ensaios foram localizados no ano de 1950. Desses, dois não trazem o nome do seu autor, mas esse é facilmente identificado por serem eles trechos de uma obra maior. O primeiro, publicado em 08 de janeiro, é intitulado “Como Gide se penitenciou de não haver editado Proust” e é composto de trechos do livro *Incidences* do também francês André Gide. Como o próprio título sugere, o principal ponto desse ensaio é a autopenitência de Gide por ter se recusado a editar o primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*, achando que Proust era um simples mundano, amador e boulevardier.

É no dia 05 de fevereiro que aparece o segundo artigo sem autoria em 1950. Embora não seja explicitamente afirmado, esse artigo foi certamente retirado da biografia de Marcel Proust escrita por León Pierre-Quint. Intitulado “Bergson e Proust”, ele apresenta a opinião do biógrafo a respeito do controverso tema da possível influência de Bergson na obra de Proust.

Os dois outros artigos publicados no ano de 1950 cuja autoria vem identificada são “Proust e Rilke”, escrito por Eugênio Gomes e publicado em 17 de dezembro, e “Swann no meu caminho” de Jones Lopes, publicado em 10 de outubro. No primeiro, a propósito de um estudo feito por Cristiano Martins sobre o tema da morte em Rilke, Eugênio Gomes retoma um trabalho, escrito em 1929, sobre o mesmo tema em Proust para mostrar a semelhança na abordagem feita pelos dois autores e uma possível influência do escritor francês sobre o poeta alemão.

O outro artigo de autoria também identificada, ou seja, “Swann no meu Caminho” de Jones Lopes, tem como principal tema a proposta do crítico em identificar uma possível fonte de inspiração de Proust, não para a sua obra como um todo, mas especificamente para um único personagem, qual seja, Swann. Essa fonte de inspiração seria Hermes Trimegisto que, segundo a estória mitológica, deixou o convívio dos deuses, entre os quais era tido como um sábio, para vir morar entre os homens.

No ano de 1951, foram publicados três ensaios em *Letras e Artes*, que tinham a obra de Proust como tema, sendo dois desses escritos por críticos franceses e um por um crítico brasileiro, nominalmente, Brito Broca. O primeiro desses artigos foi “Marcel Proust e Nós” de Thierry Maulnier, que saiu na edição de 14 de outubro. Falando sobre as características do seu tempo, Maulnier afirma que existe, na literatura e no pensamento de então, uma corrente antiproustiana. No pensamento, essa corrente se concretiza através do Marxismo e da fenomenologia que, num sentido amplo, condenam o voltar-se a si mesmo e favorecem o voltar-se para o social. Na literatura, por sua vez, há a imposição de um estilo americano, semelhante à ação cinematográfica. Esse estilo já se faz sentir também no meio acadêmico.

No entanto, apesar de toda essa atmosfera antiproustiana, a obra de Proust continua sendo apreciada pelo público francês. Para Maulnier, isso revela que Proust, como Baudelaire que lhe é mais antigo no tempo, continua atual. Pela grandeza de sua obra, o público leitor contemporâneo não consegue ficar indiferente a ela.

O segundo ensaio que aparece em 1951 é, como informamos anteriormente, de autoria de Brito Broca. Ele é intitulado “Proust no Colégio Pedro II” e foi publicado na edição de 02 de dezembro. Nesse ensaio, o crítico brasileiro relata como foi a defesa de tese do professor e crítico literário Álvaro Lins no Colégio Pedro II, evento que atraiu grande número de pessoas, e cujo título era “Da Técnica do Romance em Marcel Proust”. Dessa forma, os comentários que aparecem em torno da obra de Proust são, obviamente, de autoria de Álvaro Lins. Esses comentários versam sobre a técnica e o estilo proustianos, bem como uma possível influência do escritor irlandês James Joyce sofrida por Proust.

O último ensaio que aparece em 1951 é “Os Rascunhos do Mestre”, escrito por André Maurois e publicado no dia 16 de dezembro. Esse artigo se refere à publicação póstuma de *Jean Santeuil* de Marcel Proust e começa com uma discussão sobre se seria correto ou não a publicação de textos inéditos de um autor após a sua morte, sem que esse

a tivesse autorizado previamente. Nessa atitude, segundo Maurois, haveria o risco de se prejudicar a imagem criada pelo artista em vida. No entanto, ao efetuar uma análise da obra inédita de Proust, Maurois chega à conclusão de que ele não corre este risco. Na realidade, *Jean Santeuil* já revela alguns traços da genialidade de seu autor que seriam mais tarde mais bem desenvolvidos em *Em busca do tempo perdido*.

Após esse levantamento de todos os artigos publicados no *Letras e Arte* sobre Proust, é interessante vermos em que medida os que foram escritos por críticos brasileiros refletem o tipo de crítica literária praticada naquela época, no Brasil, conforme vimos acima.

Nesse sentido, podemos afirmar que todos eles estão em consonância com a crítica da época que, como vimos, era predominantemente estética ou, como Werneck Sodré prefere definir, formalista. Todos os artigos têm como principal objetivo a análise da maneira como um tema específico ou técnica foi desenvolvido na obra de Proust. Assim, temos Van Jafa discorrendo sobre o amor; Eugênio Gomes, sobre a morte; Jones Lopes, sobre uma possível fonte de inspiração usada por Proust na construção do seu personagem Swann e Brito Broca e Álvaro Lins, sobre as técnicas da escrita em Proust.

Olhando de forma mais detalhada, podemos observar que o primeiro desses artigos, “Marcel Proust e o Amor” de Van Jafa, ainda traz resquício do que normalmente se chama de uma abordagem tradicional. Nesse caso específico, essa abordagem seria biográfica e se caracteriza pelo uso de dados da vida pessoal do autor para a explicação de um tema desenvolvido na obra. Aqui, Van Jafa se utilizou de informações sobre o relacionamento entre Proust e sua mãe para explicar como a visão do amor na obra daquele foi moldada por esse relacionamento.

Os dois artigos seguintes, “Proust e Rilke” de Eugênio Gomes e “Swann no Meu Caminho” de Jones Lopes, têm em comum o uso de analogias para analisar um tema em Proust. Esse procedimento nos remete a um comentário do livro de Harold March, cuja resenha já apresentamos acima. Segundo esse crítico americano, quando Proust estava experimentando seu mais alto prestígio ele era constantemente relacionado a outros grandes nomes da sua época, mais especificamente, a Bergson, Einstein e Freud. Da mesma forma, os críticos brasileiros também analisam a obra de Proust baseados em analogia para a determinação de possíveis influências. No caso de Eugênio Gomes sua analogia é com o poeta alemão Rilke enquanto Jones Lopes procura uma possível

influência de Proust pelo mito de Hermes Trimegisto. É também interessante observar o fato de Eugênio Gomes, no começo de seu artigo, fazer referência ao hábito constante de se estudar um tema em um autor através de analogias com outros. Diz ele: “Isso de influências é, porém, qualquer coisa como aranhol, de cujas teias embaraçosas, uma vez pegado inadvertidamente ou não, ninguém consegue livrar-se com facilidade...” (GOMES, 1950, p. 5). Essa afirmação nos leva a concluir que fazer comparações com outros autores era comum nos estudos de Proust mas, não era uma exclusividade deles.

De todos esses artigos que foram escritos por brasileiros, não há dúvida de que o trabalho de Álvaro Lins, ao qual se refere Brito Broca no seu artigo, é o que está em maior consonância com a crítica estética daquele período. Álvaro Lins faz uma minuciosa análise da estrutura da obra de Proust bem como do seu estilo. O tipo de crítica que ele produz é que leva Alfredo Bosi a citá-lo como um dos estudiosos da literatura brasileira ligados a Tristão de Ataíde. Na realidade, o estudo de Álvaro Lins foi uma tese defendida em concurso para o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Essa tese chama-se *A técnica do romance em Marcel Proust* e, posteriormente, foi publicada como livro pela Editora José Olympio.

2.3.2 Resenhas

No *Letras e Artes* apenas duas resenhas dizem respeito a Marcel Proust. Ambas são, no entanto, resenhas de livros sobre ele e não de livros escritos por ele. A primeira dessas, intitulada “Flaubert e Marcel Proust” e publicada em 03 de setembro de 1950, é de um ensaio escrito pelo crítico francês Albert Thibaudet. O nome do livro, infelizmente, não é mencionado. Salienta-se o fato de que o escritor mostra como duas obras de Gustave Flaubert, *Madame Bovary* (1856) e *Educação Sentimental* (1869), criaram respectivamente a corrente de romance de análise e a corrente de romance autobiográfico. Com o exemplo de um trecho retirado de *Madame Bovary*, a resenha mostra que “os torneios, os rodeios e os volteios” desses também se encontram, embora num estilo diverso, na obra de Proust.

A segunda resenha, também de um livro sobre Proust, é intitulada “Proust Visto pela Crítica Inglesa” e foi publicada em 01 de julho de 1951. O livro resenhado é *The Mind of Proust* do crítico inglês F.C. Green, publicado pela Cambridge University Press, em 1949. Green tece considerações sobre as semelhanças entre Proust e Shakespeare e aborda

o polêmico tópico da influência de Bergson na obra Proustiana. Em seu ponto de vista, a obra de Proust fornece material suficiente para uma centena de ensaios, livros de máxima, livros de psicologia, sobre filosofia e até função da linguagem.

3.3.3 Trabalhos escritos por Proust

Em todos os seus anos de publicação, o *Letras e Artes* traz apenas três trabalhos que foram efetivamente produzidos por Marcel Proust. Um desses é apenas um pequeno acróstico que Proust escreveu em dedicação ao seu amigo romeno, o Príncipe Bibesco, e saiu na edição de 10 de dezembro de 1950. Quanto aos outros dois materiais, o primeiro desses, publicado em 07 de janeiro de 1951, é intitulado “Quando Marcel Proust Respondeu a um Inquérito” e é constituído por uma das respostas que Proust deu a uma enquete feita por André Lang, em 1920. O artigo traz a resposta de Proust à segunda pergunta proposta pelo crítico francês: “Quando se estabelece uma distinção entre romance de análise e romance de aventura, isso, na sua opinião, quer dizer alguma coisa?” A importância dessa resposta, como é salientado no começo do artigo, consiste no fato de ela ser muito reveladora a respeito da arte de Proust.

Proust começa sua resposta a essa pergunta afirmando que não gosta da expressão romance de análise visto que ela traz em seu bojo a ideia de um estudo feito ao microscópio, enquanto seu instrumento de trabalho preferido é o telescópio. Assim, ele prefere a expressão romance de introspecção. Ao comparar esse tipo de romance com o de aventura, ele diz que esse terá igual valor ao primeiro na medida em que conseguir fixar as grandes leis que regem a vida exterior. Para ele, tudo que ajuda a esclarecer a vida tem valor idêntico. Em sua opinião, o romance de aventura pode, sob outro nome, também ser um romance de introspecção. Proust aponta que uma das características do romance de aventura é que ele se impregna facilmente da distinção do espírito que o maneja. Finalizando sua resposta, ele volta a falar do romance de análise, deixando de certa forma implícita a ideia de que não é apenas suficiente a inteligência para produzir esse tipo de romance, mas também uma sensibilidade especial.

É na edição do *Letras e Artes* de 20 de agosto de 1950 que aparece o outro material produzido por Proust. Esse é, na realidade, um artigo de crítica literária que é intitulado “Balzac Visto por Marcel Proust”. Como o próprio título deixa evidente, trata-se de uma análise que Proust faz da obra de Honoré de Balzac. Ele começa o artigo

abordando a comentada falta de objetividade da linguagem dos personagens de Balzac. Essa falta de objetividade, ele a atribui a inorganicidade do estilo do autor. Afirma, a seguir, que Balzac é objetivo quando quer expressar seus pontos de vista históricos, artísticos etc. mas, quando ele se propõe a passar uma verdade mais profunda, ele a deixa de forma sutil na linguagem de seus personagens, sem a apresentar em detalhe.

Na segunda parte do artigo, Proust salienta que o efeito produzido pela obra de Balzac deve-se em grande parte ao artifício de ter conservado os mesmos personagens em todos os romances. Ele vê como fundamental esse aspecto que foi desprezado por alguns críticos como, por exemplo, Sainte Beuve. Comentando a genial ideia de Balzac de fazer uso desse recurso, Proust assim se expressa: “Foi um raio a surgir e vindo pousar nas partes até ali pálidas de sua criação, unindo-as, fazendo-as viver, iluminando-as: mas esse raio não deixou por isso de partir do pensamento do autor” (PROUST, 1950, p. 4).

2.3.4 Outros

Para completar este levantamento de publicações sobre Proust no *Letras e Artes*, relacionamos nesta seção, todas as demais referências, diretas ou indiretas, feitas a Proust nas páginas do *Letras e Artes* e que não poderiam ser classificadas como artigos de crítica ou resenhas. Acreditamos que, de uma forma ou de outra, essas referências também ajudam a dar uma ideia precisa da influência que Proust exerceu sobre o pensamento literário brasileiro durante o período em que o referido suplemento circulou. Ao fazer o levantamento de tais referências, usaremos como único critério a sua ordem cronológica de aparecimento.

A edição de 19 de dezembro de 1948 vem com um concurso para os leitores de *Letras e Artes* cujo nome era “Palavras Cruzadas Proustianas”. Os concorrentes deveriam preencher um jogo de palavras cruzadas sobre Proust, elaborado por Paulo Mendes Campos. Os três primeiros colocados receberiam seu prêmio em livros da Editora Globo. O resultado desse concurso é divulgado no ano seguinte, na edição de 23 de janeiro de 1949.

No dia 06 de março de 1949, o *Letras e Artes* traz uma notícia intitulada “Um Equívoco sobre a Obra de Proust”. Essa notícia consiste num esclarecimento feito por Julien Benda sobre as duas partes distintas que compõem a obra de Proust. Essas seriam

uma parte de observação e a outra de doutrina. A primeira encaixaria Proust dentro da tradição literária francesa enquanto a segunda o identifica mais com o romantismo alemão. Em sua conclusão, a crítica afirma que o grande público aprecia a obra de Proust por aquela primeira parte enquanto os literatos a apreciam pela segunda.

Na edição do dia 01 de maio de 1949 vem uma matéria intitulada “Proust e Montesquieu” que é, na realidade, o fragmento do livro *Vie de Marcel Proust* (1949) de André Maurois. Essa passagem do livro se concentra no relacionamento de amizade entre Proust e o fidalgo poeta Robert de Montesquiou.

Intitulada “Os Dez Luminares do Século”, a edição de 07 de maio 1950 traz o resultado de uma consulta feita pelo periódico francês *Les Nouvelles Littéraires*. O objetivo da consulta, feita entre pessoas representativas do pensamento francês, era definir quais as personalidades que, na primeira metade do século, mais influenciaram o pensamento contemporâneo. De acordo com o resultado, Proust aparece em terceiro lugar com 60% sobre o total de votos, atrás apenas de Einstein e Bergson.

Sob o título “Proust Numa Página”, o *Letras e Artes*, no dia 04 de março de 1951, publica a nota bibliográfica sobre a obra de Proust apresentada no italiano “Dizionario Delle Opere e Dei Personaggi”. É salientado o mérito do redator Vitorio Lugli em conseguir resumir em uma única página todo o vasto universo da obra proustiana. Na realidade, ele não apenas resumiu o enredo de *Em busca do tempo perdido*, como também acrescentou algumas observações concernentes às características dela. Tudo, vale salientar mais uma vez, em uma única página.

Nesse mesmo ano, no dia 15 de abril, aparece uma notícia intitulada “Marcel Proust Visto por Graça Aranha”. A pequena nota é sobre a característica de Graça Aranha de nunca escrever muito. Nesse sentido, a nota enfatiza que em seu livro *Espírito Moderno* (1925), o crítico brasileiro pouco fala sobre importantes personagens do mundo literário tais como Dostoiévski e Proust. A título de exemplo, é reproduzido o único e pequeno artigo de Graça Aranha sobre esse último.

Finalmente, a última referência que temos a relatar é a notícia “Técnica da Prosa Impressionista”, que aparece na edição do dia 03 de junho de 1951. Essa é uma notícia sobre as atividades nas quais está envolvido o crítico potiguar Otacílio Alecrim que é o fundador do “Proust Clube” de Natal-RN, Diretor da Divisão de Estudos do “Proust Clube do Brasil” e um dos sócios brasileiros da “Sociedade dos Amigos de Proust”, de Paris.

Conclusão

As publicações do *Letras e Artes* com referência à *Em busca do tempo perdido* e a Marcel Proust constituem uma parte essencial do registro da recepção que o escritor francês teve no Brasil. Como salientamos anteriormente, essa é uma recepção privilegiada na medida em que ela é externada de forma escrita e por profissionais da literatura que têm uma consciência estética do momento literário em que a obra é lançada. Assim, as opiniões expressas nos artigos e resenhas ganham uma dimensão maior para o entendimento do horizonte de expectativa no qual Marcel Proust foi recebido no Brasil.

Como pudemos observar, a presença de Proust nas páginas do *Letras e Artes* foi bastante significativa. Além da constância da sua presença, é importante salientar também a maneira diversificada como ela aconteceu. Os artigos de crítica literária sobre sua obra são escritos não apenas por brasileiros, mas também por franceses e críticos de outras nacionalidades. As duas resenhas apresentadas são de livros sobre Proust que foram publicados na França e na Inglaterra. No entanto, não foi apenas nesses artigos e resenhas que pudemos detectar a presença de Proust. Várias outras referências foram feitas a ele, seja através de material de sua autoria ou de notícias que, de uma forma ou de outra, o envolviam.

Essas constantes referências feitas, de forma direta ou indireta, a Proust e sua obra nas páginas do *Letras e Artes* lembram o amor do narrador de *No Caminho de Swann* por Gilberte, a filha de Swann e Odete. Numa tentativa de tornar sempre presente a imagem de sua amada, o narrador direciona conversas no sentido de forçar seus interlocutores a pronunciar o nome dela. É essa sua forma de manifestar seu amor por Gilberte em sua ausência. Ouvir o nome da sua amada pronunciado enche-o de prazer. Da mesma forma, o *Letras e Artes*, estimulado pela curiosidade e interesse de seus leitores estava constantemente fazendo referências à obra proustiana, reforçando, dessa forma, o “namoro” entre o leitor brasileiro e a obra do escritor francês. Daí, justificar-se nas páginas do suplemento literário tantas notícias, resenhas e notas que, de uma forma ou outra, mencionam Proust. Um ótimo exemplo disso é o concurso de palavras cruzadas que era baseado exclusivamente em nomes retirados da obra proustiana.

Por outro lado, a essas constantes referências pode-se atribuir uma outra interpretação. Visto que o *Letras e Artes* exerceu a função de mediador em uma época de transição política e cultural que o Brasil vivia e que, nesse contexto, como afirma

Demarchi, se buscava uma popularização da arte erudita, podemos chegar à conclusão de que esse suplemento estava, na realidade, servindo como agente estimulador do interesse do grande público pela obra de Proust. Essa interpretação é reforçada pelo fato de que, de acordo com Marta Oliveira, um dos primeiros mitos que cercavam Proust era o mito do escritor difícil. Segundo ainda a referida professora, “o mito do ‘Proust difícil’, [...] por muitos anos esteve na origem da reclusão da obra a um pequeno grupo de iniciados e derivou na criação de uma outra imagem, a do ‘Proust irreal’, comentado por muitos, mas lido por poucos” (OLIVEIRA, 1993, p. 372). Assim, com suas constantes referências a Proust, o *Letras e Artes* estaria buscando e estimulando uma desmistificação do conceito do “Proust difícil”, o que ajudaria na sua “popularização” e na educação literária do leitor comum.

Se nos concentrarmos especificamente nos artigos escritos por brasileiros, podemos concluir que todos fazem uma análise positiva da obra de Proust. Nenhum desses críticos se propõe a identificar possíveis falhas nela. Isso acontece porque o estilo de Proust encaixa-se perfeitamente no que era mais valorizado no meio literário daquela época, isto é, o aspecto estético. Não há como negar que a obra proustiana pode ser amplamente e de diversas maneiras analisada dentro de uma perspectiva puramente estética. Nesse sentido é que trabalhos acadêmicos buscaram dissecar o clássico francês para uma melhor compreensão do seu valor estético. O melhor exemplo disso, como já foi mencionado anteriormente, e a tese defendida e publicada por Álvaro Lins.

Outra conclusão que podemos tirar da constante presença de Proust nas páginas do *Letras e Artes* é a forte influência da cultura francesa no nosso país durante os anos de publicação desse suplemento literário. Naquela época, a França era a referência maior da nossa intelectualidade que se voltava para ela em busca do que era novidade e do que era válido do ponto de vista estético. No entanto, essa realidade mudaria logo. Aos poucos, a admiração e o cultivo dos valores artísticos franceses seriam substituídos por uma hegemonia cultural norte-americana no que se refere a influência cultural estrangeira no nosso país.

Finalmente, vale salientar que o que foi apresentado neste artigo refere-se tão somente ao suplemento *Letras e Artes* do carioca *Jornal da Manhã*. A já citada tese da professora Marta Oliveira faz um recorte mais abrangente da recepção proustiana,

oferecendo, portanto, uma visão mais completa da influência de Proust no meio literário e intelectual brasileiro logo nos primeiros anos após sua publicação no Brasil.

Referências

CARTER, W.C. Really, here's why you should read Proust. *Literary Hub*. July 11, 2016. Disponível em: <https://lithub.com/really-heres-why-you-should-read-proust/>. Acesso em 24 ago. 2021.

DEMARCHI, A. *Cultura em Busca de Vitrines - Literatura & Mercado, Morte do Modernismo & Populismo*. Dissertação de Mestrado (não publicada). UFSC-PLTB, 1991.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, A. A. Quadro Sintético da Literatura Brasileira. Rio, 1956. In SODRÉ, N.W. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

LINS. A. *A técnica do romance em Marcel Proust*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

MARTINS, W. Crítica Modernista. In: COUTINHO, A. (Org.). *A Literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970, p. 51-64.

OLIVEIRA, M. M. L. P. *A Recepção Crítica da Obra de Marcel Proust no Brasil*. Tese de Doutorado (não publicada). UFRGS, 1993.

SULEIMAN, S. Varieties of Audience-Oriented Criticism. In: _____; CROSSMAN, I. *The Reader in the Text*. Princeton: Princeton University Press, 1980.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ⁱ Docente do curso de Letras da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN).

E-mail: hdfurt@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6054067852292499>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1126-4533>